



## MAPAS MENTAIS COMO REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO VIVIDO E PERCEBIDO

Aline Honorio Araujo da Silva Gomes<sup>1</sup>

Dra. Maria Augusta Mundim Vargas<sup>2</sup>

### Eixo- Temático 2 – Educação, Sociedade e Práticas Educativas

#### RESUMO

O artigo apresenta uma revisão bibliográfica sobre o uso de mapas mentais como instrumento didático valioso. Procuramos aplicar a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs 1997, 1998 e 2000) em valorizar as vivências dos alunos e tomamos como demonstrativo de práticas pedagógicas no ensino de geografia as obras de Kozel (2008; 2011); Kozel et al (2008, 2009); Callai (2005); Souza (2008) e Vargas (2008). Demonstramos a utilização dos mapas mentais como diagnóstico para futuros procedimentos didáticos, mas, sobretudo, no contexto da representação e da decodificação do espaço vivido e percebido.

Palavras-chave: mapas mentais, representações, espaço vivido.

#### RESUMEN

El artículo presenta una revisión bibliográfica sobre el uso de mapas mentales como una herramienta pedagógica muy útil. Se aplica la guía de los parámetros del Currículo Nacional (PCN 1997, 1998 y 2000) en la mejora de las experiencias de los alumnos y tomar como prácticas de enseñanza demostrativa de la enseñanza geográfica de las obras de Kozel (2008, 2011); Kozel et al (2008, 2009) Callai (2005), Souza (2008) y Vargas (2008). Se demuestra el uso de mapas mentales como los procedimientos de diagnóstico para la enseñanza, pero sobre todo en el contexto de la representación y decodificación de espacio vivido y percibido.

Palabras clave: Mapas mentales, representaciones, espacio vivido.

---

<sup>1</sup>Mestranda em Geografia NPGEO/UFS – [alinehasgomes@zipmail.com.br](mailto:alinehasgomes@zipmail.com.br);

<sup>2</sup>Orientadora NPGEO/UFS – [amundim@infonet.com.br](mailto:amundim@infonet.com.br).

## INTRODUÇÃO

A abordagem dos mapas mentais como instrumento didático-pedagógico no ensino de geografia foi motivada pelas orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs de 1997, 1998 e 2000 - que sugerem o tratamento cultural e humanista para as séries do ensino básico. Nesse contexto, empreendemos uma pesquisa sobre a construção da socioespacialidade no povoado Sapé, município de Itaporanga D'Ajuda, pela apreensão do território e da identidade dos estudantes dos 6º e 7º anos da escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro.

Para tal, tomamos as representações como categoria norteadora dos fundamentos da pesquisa geográfica cultural-humanista por valorizar a subjetividade, os sentimentos, a experiência e as percepções dos sujeitos acerca dos seus espaços vividos; pois essa perspectiva, segundo Corrêa (2002, p. 30), está "... calcada nas filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo...".

Conforme Claval (2008) a abordagem cultural que valoriza o estudo da experiência vivida foi popularizada por Yi-Fu Tuan, Edward Relph e Ane Buttmer. E, como a geografia tem o espaço como objeto de estudo, a interpretação de diferentes fenômenos da relação/interação sociedade-natureza à luz da abordagem cultural humanista prioriza a experiência do indivíduo no espaço.

As representações para Kozel (2009, p.1) são uma forma de linguagem e os mapas mentais são exemplos de representações: "Assim, os mapas mentais como construções sígnicas requerem uma interpretação/decodificação, foco principal desta proposta teórico metodológica, que atualmente vem sendo aplicado em várias pesquisas de cunho pedagógico, ambiental e turístico".

Galvão e Kozel (2008) ressaltam que desde a antiguidade as sociedades expressam seus espaços vividos através de representações signais tais como as pinturas em rochas, passando por pergaminhos, pelo papel até chegar, nos dias atuais, ao meio digital.

Essas representações sempre foram impregnadas de valores provenientes da sua própria cultura e representavam caminhos, rotas, riquezas, mitos, lendas, medos, etc. Portanto, as representações se constituíam enquanto forma de linguagem das diferentes civilizações, unindo aspectos objetivos aos subjetivos, práticas a valores, mitos aos fatos comprovados, constituindo-se no verdadeiro “ver” das sociedades (GALVÃO e KOZEL, 2008, p.35).

Esses autores prosseguem informando que a partir do final do século XVIII, com o desenvolvimento tecnológico, passa-se a valorizar a dimensão cartográfica nas representações geográficas. Existem trabalhos, dentro da comunidade cartográfica, que defendem o reconhecimento de qualquer tipo de representação como forma de linguagem das diferentes civilizações, pois:

[...] representam-se as interações entre o sujeito e o mundo, implicando numa atividade conjunta de construção e reconstrução no ato da representação, pois, como o sujeito é social, a atividade é tanto simbólica como cognitiva. Acrescenta-se ainda o caráter criativo e autônomo das representações, cabendo assinalar que todos esses aspectos mencionados refletem invariavelmente um dado momento histórico (GALVÃO e KOZEL, 2008, p.37).

Segundo Vargas (2008, p.57), “a geografia das representações avança no processo de análise de diferentes vertentes dos fenômenos sociais, tendo em vista que os atores sociais têm seus percursos individuais marcados por significados, valores e escolhas pessoais”. Ela destaca a revolução epistemológica provocada pelas representações no campo geográfico e, como Kozel (2002), afirma que o ensino de geografia seria mais significativo se partisse das representações construídas pelas sociedades.

Para Galvão e Kozel (2008) na geografia das representações é possível compreender a lógica dos agentes, individual ou ligada a valores sociais, demonstrando, em dado espaço social e cultural, arranjos estabelecidos e refletidos.

Este artigo apresenta a abordagem cultural-humanista da geografia nos PCNs, os mapas mentais e propostas de aplicação dessa metodologia.

### **A abordagem cultural-humanista da geografia nos PCNs**

Os PCNs compõem um conjunto de objetivos a serem alcançados na educação básica, nas diferentes disciplinas, dentre elas a geografia para o ensino fundamental e médio.

Conforme os PCNs (1997) há um enfoque abordado pela produção acadêmica da geografia, nas últimas décadas, influenciando práticas desta disciplina.

... é justamente a definição de abordagens que considerem as dimensões subjetivas e, portanto, singulares que os homens em sociedade estabelecem com a natureza. Essas dimensões são socialmente elaboradas – fruto das experiências individuais marcadas pela cultura na qual se encontram inseridas – e resultam em diferentes percepções do espaço geográfico e sua construção. É, essencialmente, a busca de explicações mais plurais, que promovam a interseção da Geografia com outros campos do saber, como a Antropologia, a Sociologia, a Biologia, as Ciências Políticas, por exemplo (PCNs, 1997, p. 105-106).

As práticas pedagógicas que levam em consideração as abordagens atuais da geografia visam proporcionar aos alunos novas compreensões sobre a interação sociedade-natureza.

O lugar e a região eram sempre vistos como dimensões objetivas resultantes das interações entre o homem e a natureza. Atualmente, a categoria de lugar, assim como a de paisagem estão sendo recuperadas pela nova Geografia, em uma nova dimensão. O lugar deixou de ser simplesmente o espaço em que ocorrem interações entre o homem e a natureza para incorporar as representações simbólicas que constroem juntamente com a materialidade dos lugares, e com as quais também interagem (PCNs, 1998, p.19).

Porém, para além de uma abordagem descritiva da manifestação das forças materiais, é possível também nos terceiro e quarto ciclos propor estudos que envolvam o simbólico e as representações subjetivas, pois a força do imaginário social participa significativamente na construção do espaço geográfico e da paisagem (PCNs, 1997, p. 117).

Os documentos fazem uma crítica às formas mais utilizadas para o ensino da cartografia, nas quais os alunos são levados a colorir mapas, copiá-los ou memorizá-los. Sugere-se a construção dos conhecimentos cartográficos, levando-se em consideração não apenas as técnicas cartográficas, como também a representação do cotidiano experienciado pelos alunos (PCNs, 1997, p. 118 e 119).

Segundo Callai (2005), a leitura do mundo da vida parte do lugar, do cotidiano. No lugar também estão presentes as influências externas, ou seja, está contido o mundo.

Compreender o lugar em que se vive encaminha-nos a conhecer a história do lugar e, assim, a procurar entender o que ali acontece. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, os lugares são repletos de história e situam-se concretamente em um tempo e em um espaço fisicamente delimitado. As pessoas que vivem em um lugar estão historicamente situadas e contextualizadas no mundo. Assim, o lugar não pode ser considerado/entendido isoladamente. O espaço em que vivemos é o resultado da história de nossas vidas. Ao mesmo tempo em que ele é o palco

onde se sucedem os fenômenos, ele é também ator/autor, uma vez que oferece condições, põe limites, cria possibilidades (CALLAI, 2005, p. 236).

Conforme a autora a educação deve considerar a realidade do mundo atual, no qual as informações são divulgadas numa tal velocidade que ultrapassam os limites do cotidiano e o ligam a níveis mais complexos (CALLAI, 2005, p. 237). Desse modo, uma proposta pedagógica em geografia que considere o lugar não deve ficar restrita a ele, especificando-se as interações entre o local e escalas mais abrangentes.

Aprender a observar, descrever, comparar, estabelecer relações e correlações, tirar conclusões, fazer sínteses são habilidades necessárias para a vida cotidiana. Por intermédio da geografia, que encaminhe a estudar, conhecer e representar os espaços vividos, essas habilidades poderão ser desencadeadas. Mas sempre como caminhos, como instrumentos para dar conta de algo maior (CALLAI, 2005, p. 245).

Portanto os PCNs (1997 e 1998) orientam os professores da geografia a considerarem as vivências dos alunos, para que estes observem a disciplina no seu cotidiano. A partir das experiências dos estudantes é possível direcionar os estudos acerca dos conteúdos geográficos, e das categorias como paisagem, território, lugar e região.

Sobre o Ensino Médio a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96, art. 36) e os PCNs (2000) determinam que se deva assegurar a todos os cidadãos a oportunidade de consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental. Desse modo incluem-se as aprendizagens e conteúdos mencionados anteriormente.

### **Mapas Mentais**

Os mapas mentais, segundo Galvão e Kozel (2008), são protagonistas da ciência geográfica uma vez que espacializam os fenômenos geográficos. Porém os mapas mentais, conforme os autores, vão além do entendimento do mundo e do humano no mundo.

Entendemos os Mapas mentais como uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. Eles podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado (KOZEL, 2009, p.1).

Em sua proposta metodológica embasada teoricamente em Mikail Bakhtin (1986) Kozel (2009) afirma que os mapas mentais são como Enunciados, nos quais se estabelecem relações entre esferas sociais e as formas de comunicação. Partindo desta perspectiva a autora apresenta o termo “Cartografia Cultural” no qual são incorporados aspectos da geografia humanístico-cultural e o Dialogismo inspirado em Bakhtin.

Os mapas mentais exigem uma interpretação/decodificação, uma vez que são construções sógnicas. São imagens, uma forma de linguagem, que refletem valores, atitudes e vivências, cujos signos utilizados são construções sociais (KOZEL, 2009, p.2).

Os significados das diferentes representações ou linguagens são construídos a partir dos sentidos que na sua construção semiótica se transformam em enunciados. Podemos considerar como tal, imagens construídas a partir das sensações e percepções, assim como signos verbais ou não-verbais construídos a partir do mesmo processo (KOZEL, 2009, p.3).

Para que o vivido seja considerado um enunciado é necessário que seja expresso, comunicado. Segundo Bakhtin (1986) apud Kozel (2009) um enunciado é essencialmente dialógico, ou seja, localiza-se entre o destinador e o destinatário.

O ser humano, sua consciência e cultura são únicos em sua identidade, todavia, são produtos incorporados de outras consciências, outras culturas, mediadas pela comunicação que se instala no centro das relações. É dessa forma, portanto, que os discursos ao serem incorporados se constituem em signos que se transformam em enunciados ou representações nas diferentes formas de linguagem (KOZEL, 2009, p.3).

O signo, portanto, é uma construção dialógica e social e o significante não é algo encerrado, fechado, mas pode ser constantemente criado e recriado socialmente (KOZEL, 2009, p. 4). Galvão e Kozel (2008) avaliam que a utilização da metodologia dos mapas mentais no âmbito escolar tem propiciado resultados relevantes.

Para Kozel (2009, p.4) os mapas mentais são instrumentos metodológicos preciosos no aspecto pedagógico, uma vez que possibilitam aos estudantes "... a interlocução como atores e produtores do espaço geográfico".

Nesse contexto, Kozel (2009) apresenta sua metodologia para decodificar os mapas mentais, denominada pela autora de "metodologia Kozel". Nesta os mapas mentais devem ser analisados quanto à forma de representação e à distribuição dos elementos na imagem; quanto à especificidade dos ícones (elementos naturais, construídos, móveis e humanos) e a apresentação de outros aspectos ou particularidades.

Os mapas mentais refletem, portanto, as representações dos indivíduos em relação ao espaço geográfico, ao espaço vivido, cujos signos são construções sociais. A partir desses mapas podem-se realizar análises acerca da compreensão/percepção dos sujeitos como instrumental de variadas pesquisas, e diagnósticos na educação para orientar futuros procedimentos pedagógicos.

### **Propostas de aplicação da metodologia dos mapas mentais**

Essa revisão bibliográfica tem servido para a construção de instrumentos de pesquisa que se constituem em procedimentos didático-pedagógicos para a análise da socioespacialidade dos habitantes do povoado Sapé.

O povoado Sapé situa-se na zona rural de Itaporanga D’Ajuda e tem sua origem como lugar de passagem de tropa e mercadorias desde o período colonial. Atualmente conta com aproximadamente 1000 hab. e apenas uma escola municipal que atende crianças e adolescentes deste povoado e de outros circunvizinhos oferecendo o ensino fundamental do 1º ao 9º ano. Os adolescentes em sua maioria são filhos de agricultores e trabalhadores rurais, nascidos e criados nestes povoados.

Esclarecemos que as questões da pesquisa surgiram do encontro de uma oportunidade avaliativa de um método com a nossa vivência como professora de geografia dos 6º e 7º anos, na Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro.

Galvão e Kozel (2008) relatam uma experiência desenvolvida numa turma de 6ª série do ensino fundamental. Galvão aplicou a metodologia em duas etapas: observação participativa das aulas de geografia e análise e interpretação dos mapas mentais feitos pelos alunos.

Na primeira etapa, tal como intencionamos, o pesquisador explicou as razões do seu projeto de pesquisa acadêmica aos alunos. Após explicações e observações foi solicitado que os discentes realizassem um desenho em folha de papel A4 acerca do que era a geografia para eles. Além do papel A4 o pesquisador disponibilizou lápis de cor, canetas hidrocor, etc., e estipulou 50 minutos para a confecção dos mapas mentais. Nós solicitaremos a confecção de mapa sobre o lugar de moradia: o Sapé.

Na metodologia Kozel (2008, 2009) de decodificação dos mapas mentais é preciso observar a forma de representação dos elementos (ícones, letras, linhas, etc.), distribuição dos elementos na imagem (de forma isolada, horizontalmente, de forma dispersa, etc.), especificidade dos ícones (elementos naturais, construídos, móveis, humanos) e outros aspectos ou particularidades.

Galvão verificou que o tema mais recorrente representado pelos alunos foi o Brasil. “Com estes elementos recorrentes nos mapas: o diálogo das escalas de apreensão do espaço, macro/micro; formação cultural; espaço natural e espaço construído, está formado o núcleo de uma teia, cujo centro é o Brasil (KOZEL e GALVÃO, 2008, p. 42-43)”.

Já Nitsche e Kozel (2011) apresentam a aplicação da metodologia junto a uma comunidade ligada a atividades turísticas no município de Araucária/PR. O foco do trabalho

foi verificar a percepção e representação do turismo no mundo vivido das pessoas que recebem os visitantes em suas casas.

Após observações e esclarecimentos do projeto às famílias da referida comunidade, foi solicitado que fizessem um desenho sobre o tema “O turismo na minha propriedade”. Nitsche *op.cit.* relata uma certa resistência inicial à sua proposta, porém, após um período de convivência na localidade, todas as famílias aderiram à metodologia (NITSCHKE e KOZEL, 2008, p.6).

Embora nossa pesquisa não envolva adultos na escola, temos a preocupação com os aspectos abordados por Nitsche e com os conteúdos sugeridos pelos PCNs (1998, 2000), pois, a pesquisa se estende para a casa dos estudantes com suas famílias e, nesse sentido, a decodificação do espaço percebido e vivido se valerá de instrumentos complementares dos mapas mentais. Tais instrumentos estão sendo levantados como fotografia, relação de signos, pinturas, dentre outros.

Para Galvão e Kozel (2008) trabalhar a metodologia dos mapas mentais com crianças é menos complicado do que com adultos.

A maioria dos alunos não apresentam dificuldades e desempenham esse tipo de “tarefa” com desenvoltura e satisfação, concluindo os desenhos mesmo antes do término do tempo disponível. Por outro lado, o mesmo não se pode esperar do público adulto, uma vez que caso se deseje coletar algum dado junto a esse público, estes, muitas vezes, mostram-se reticentes e receosos no desempenho de tal prática (GALVÃO e KOZEL, 2008, p.40).

Na análise e interpretação dos mapas mentais da comunidade do município de Araucária/PR, foi observado a combinação de ícones e letras em todos eles. Os elementos na imagem apareceram em perspectiva, vista aérea, de forma horizontal e de maneira dispersa.

A maioria dos mapas apresentou paisagens tipicamente rurais e representações ligadas à atividade turística nas propriedades. As autoras concluíram, pelas representações dos pesquisados, uma relação harmônica entre os moradores e o turismo na localidade. Verificaram que o turismo “... intensifica a topofilia dos moradores”.

Outra proposta de aplicação dos mapas mentais pode ser observada no trabalho de Rocha (2003) que relata a utilização dessa metodologia ao pesquisar a percepção dos habitantes de Itabuna/BA sobre a trajetória, signos e significados do centro dessa cidade. Ela desenvolveu a pesquisa junto a estudantes de escolas do ensino básico, bem como com universitários e moradores do centro e seu entorno, de idades diferentes. Conforme a autora “... a percepção dos signos, por parte dos habitantes da cidade, diferencia-se nos seus



significados, em função do conhecimento, das origens e do valor atribuído a esses signos...” (ROCHA, 2003, p.172).

Souza (2008, p. 128-130) cita uma experiência que contou com sua orientação quando lecionou a disciplina Prática de Ensino em Geografia na UNEB (Universidade do Estado da Bahia). O trabalho buscou discutir os impactos sócio-ambientais verificados nos povoados do Cruzeiro de Laje e Albino, no recôncavo baiano, tendo em vista a construção de uma barragem. Dentre outros instrumentos de pesquisa optou-se pelos mapas mentais.

A autora explica que após discussões em sala de aula e as observações nas visitas às comunidades citadas, e suas instituições de ensino, optou-se por trabalhar com a percepção dos habitantes. Além disso, surgiu a necessidade de debater e propor a produção de materiais didáticos alternativos aos livros didáticos, os quais além de se constituírem única fonte didática nas escolas muitas vezes retratavam realidades distantes aos educandos.

Após essas leituras e discussões, optou-se pelo caminho metodológico de investigação através das representações do ambiente vivido por meio dos **mapas mentais**. Os mapas mentais têm mostrado o quanto se torna possível, através da leitura e representação das imagens do ambiente, mensurar informações e interpretações variadas que os sujeitos possuem e, a partir daí, encaminhar as atividades e discussões acerca do tema proposto (SOUZA, 2008, p.129).

Conforme Souza (2008) o produto final da pesquisa foi a construção de um material didático que buscou suprir a falta de recursos didáticos que considerassem aspectos da escala local. As cartilhas produzidas trouxeram expectativas para nossa pesquisa como viés fecundo de interação da teoria com a prática.

Conforme os PCNs da geografia do ensino fundamental e médio (1997, 1998 e 2000), as práticas pedagógicas desta disciplina devem considerar as abordagens atuais da geografia, a exemplo da cultural-humanista. Com base nessa abordagem é possível trabalhar a percepção do espaço vivido e percebido pelos alunos e tomá-la como ponto de partida para relacioná-la a outros conteúdos geográficos.

A metodologia dos mapas mentais é um importante instrumento pedagógico aplicável em pesquisas e no ensino básico, atendendo a parte dos objetivos propostos pelos PCNs no que tange o ensino da geografia.

Diante do exposto os mapas mentais compõem o instrumental do nosso projeto de pesquisa o qual consideramos relevantes para apreensão das representações que os habitantes do povoado Sapé-Itaporanga D’Ajuda/SE fazem do espaço vivido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 15 de abril de 2011.

CLAVAL, Paul. **Uma, ou algumas abordagem (ns) cultural (is) na geografia humana?**

In: Espaços Culturais – vivências, imaginações e representações. Org.: Angelo Serpa.

Salvador: Edufba, 2008, p. 13 a 29.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito-chave da geografia.** In: Geografia:

conceitos e temas. Org.: Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa, Roberto Lobato Corrêa.

Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 15 a 44.

GALVÃO, Wilson e KOZEL, Salete. **Representação e ensino de geografia: contribuições teórico-metodológicas.** Ateliê Geográfico, Goiânia-Go, V.2, n.5, dez/2008, p.33-48.

Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/article/view/5333>. Acesso em: 11 de abril de 2011.

KOZEL, Salete. **As linguagens do cotidiano como representações: uma proposta metodológica possível.** Disponível em:

[http://egal2009.easyplanners.info/area02/2088\\_KOZEL\\_Salete.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area02/2088_KOZEL_Salete.pdf). Acesso em: 11 de abril de 2011.

KOZEL, Salete. **Representação e Ensino – Aguçando o olhar geográfico para os aspectos didático-pedagógicos.** In: Espaços Culturais – vivências, imaginações e representações. Org.: Angelo Serpa. Salvador: Edufba, 2008, p. 71 a 88.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96). Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 04/02/2011.

NITSCHKE, Leticia Bartoszeck e KOZEL, Salete. **Representações geográficas e turismo: um estudo interdisciplinar.** Disponível em: [http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-2/Trabalhos\\_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20LeticiaBartoszeckNitsche.ED3III.pdf](http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20LeticiaBartoszeckNitsche.ED3III.pdf).

Acesso em: 11 de abril de 2011.

**Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Fundamental – Primeiros Ciclos – História e Geografia.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997, 166p.

**Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Fundamental – Terceiro e Quarto Ciclos – Geografia.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.156 p.

**Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio** – 2000. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 04/02/2011.

ROCHA, Lurdes Bertol. **O Centro da cidade de Itabuna: trajetória, Signos e Significados**. Ilhéus: Editus, 2003.

SOUZA, Luciana Cristina Teixeira de. **A complexa abordagem geográfica de uma complexa geografia escolar: Análise de experiências**. In: Espaços Culturais – vivências, imaginações e representações. Org.: Angelo Serpa. Salvador: Edufba, 2008, p. 117 a 137.

VARGAS, Icléia Albuquerque de. **Territorialidades e representações dos Terena da Terra Indígena Buriti (MS): Possibilidades didático-pedagógicas**. In: Espaços Culturais – vivências, imaginações e representações. Org.: Angelo Serpa. Salvador: Edufba, 2008.